

Lutas e Enfrentamentos de José do Patrocínio Marques Tocantins na Imprensa Goiana do Século XIX: dos Jornais Abolicionistas às Mulheres Tipógrafas¹

Rosana Maria Ribeiro BORGES²

Doutora

Marialva Carlos BARBOSA³

Doutora

Tony Willian BOITA⁴

Doutorando

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

O estudo analisa as lutas e enfrentamentos de José do Patrocínio Marques Tocantins que, dentre outras profissões, foi um dos jornalistas mais vanguardistas e combativos de Goiás no Século XIX. Negro, pobre e filho de escravizado que morreu logo após o seu nascimento tendo sido criado por sua mãe, uma viúva que enfrentava discriminações sociorraciais na Cidade de Goiás, Marques Tocantins atuou em diversificadas frentes profissionais, chegando a fundar empresas tipográficas e jornais abolicionistas que empregavam mulheres. O principal corpo teórico alicerça-se nos Estudos Culturais, enquanto a abordagem da pesquisa foi qualitativa, com emprego da Análise Cultural como método de abordagem e do Levantamento Bibliográfico, da Pesquisa Documental e da Análise de Narrativas como instrumentos de coleta e sistematização dos dados.

Palavras-chave: História do Jornalismo; História da Imprensa Goiana; José do Patrocínio Marques Tocantins; Tipógrafas Goianas Século XIX.

Considerações Iniciais

Em Goiás, as atividades jornalísticas e de impressão começaram a ocorrer em 1830, a partir da instalação da *Tipografia D'Oliveira* e da publicação do jornal *A Matutina Meiapontense* que circulou entre 1830 e 1834 em Meia Ponte, atualmente denominada como Pirenópolis (BORGES; BARBOSA, 2021-a). A partir de então, e no decurso de praticamente todo o século XIX, as publicações jornalísticas impressas aglutinaram-se na Cidade de Goiás, antiga capital, com maior ênfase nas duas últimas décadas e fervorosas conexões com o movimento abolicionista e republicano, donde despontou uma liderança que inspira o presente estudo: José do Patrocínio Marques Tocantins, filho de escravizado que resistiu à

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: rosana_borges@ufg.br.

³ Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM) da Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: marialva153@gmail.com.

⁴ Doutorando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG) e Diretor do Museu das Bandeiras, Museu de Arte Sacra da Boa Morte e Museu Casa da Princesa Ibram/MTur na Cidade de Goiás. E-mail: tonyboita@hotmail.com.

pobreza e às discriminações sociorraciais e, ao lado de Antônio Felix de Bulhões Jardim⁵, registrou o seu legado no rol dos jornalistas mais aguerridos do território goiano oitocentista.

Marques Tocantins, como era conhecido, foi um intelectual, mineralogista, compositor, musicista, maestro, funcionário público, professor, empresário e jornalista que, além de criar tipografias e a primeira fábrica de papel de Goiás, comandou a instalação de diversos jornais com escopos abolicionistas e republicanos que defendiam as liberdades, incluindo a das mulheres (BORGES; BARBOSA, 2020). Todavia, para além dos inflamados discursos que compunham as páginas dos impressos, a práxis de Marques Tocantins impressiona pelo vanguardismo, pois ele treinava mulheres e as empregava em suas oficinas tipográficas – um feito e tanto para uma capital provinciana que se localizava no interior do sertão brasileiro e, no final do século XIX, ainda padecia de ostracismo econômico e político.

O principal objetivo do presente estudo está centrado na trajetória jornalística e existencial de José do Patrocínio Marques Tocantins, com ênfase na imprensa abolicionista e nas tipógrafas goianas oitocentistas. Ressalta-se que a pesquisa foi delineada no bojo das produções do *Grupo de Pesquisa História da Comunicação em Goiás*⁶ considerando-se justamente o tema do XIII Encontro Nacional de História da Mídia, qual seja: “#vidasnegrasimportam: Racismos, violências e resistências nas dinâmicas do tempo”.

O núcleo do corpo teórico e metodológico da investigação aqui exposta debate com pesquisadores afiliados ao campo da História Cultural e da História da Imprensa no Brasil e em Goiás. O pressuposto fundamental alicerça-se na compreensão de que as narrativas dos jornais constituem-se em documentos, já que esses “[...] são lugares de guardar memórias” (BORGES, 2013, p. 34). Como registros documentais que apostilam memórias, os impressos são capazes de aflorar narrativas, discursos e, nos dizeres de Ricoeur (2010), representâncias do seu tempo histórico, tal como é o caso dos racismos, das violências e das resistências percebidos nas lutas pró-abolição e pró-República travadas em Goiás no final do século XIX.

De acordo com Williams (2003), os conteúdos dos periódicos jornalísticos impressos denotam três dimensões da cultura: a que é vivida em determinado espaço e tempo; a que é

⁵ Felix de Bulhões foi ativista político e líder da causa abolicionista e republicana em Goiás. Advogado, jornalista, poeta e maçom, ocupou diversos cargos públicos na capital goiana, sendo que também foi dirigente do Partido Liberal e do *Gabinete Literário Goyano*, uma instituição cultural que teve papel importantíssimo na luta abolicionista e republicana. A família de Felix de Bulhões liderou a maior oligarquia goiana, sendo que ele ficou conhecido como “Castro Alves” de Goiás, cuja luta englobou desde a fundação de jornais à criação de associações e campanhas para angariar recursos com o objetivo de comprar cartas de alforria. Sua morte, aos 42 anos de idade, impulsionou a criação da *Confederação Abolicionista Felix de Bulhões*, responsável por alforriar todos os escravizados da cidade de Goiás em 1887, ou seja, um ano antes da Lei Áurea.

⁶ Cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e certificado pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Link para acesso: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9894177026176850>.

documentada em determinados contextos históricos e a que é por esses selecionada, imputando à temáticas ou eventos maior ou menor visibilidade e até mesmo silenciamentos. Como os veículos jornalísticos não estão soltos no tempo e no espaço, já que compõem redes ideológicas, econômicas e de poder, as páginas dos jornais acabam traduzindo-se em arena conflituosa entre a cultura vivida, a documentada e a selecionada. A respeito do assunto, Barbosa (2004) assim sintetiza:

A história, para nós, não fala do tempo de ontem, mas possibilita apenas a sua reconstrução. As fontes não são documentos reais que contêm verdades. Dialogando com elas, para tão somente reconstruir o passado e, dessa forma, entender melhor o momento presente, estamos fazendo história. E estamos sobretudo falando de vida, por mais paradoxal que isso seja, pois estamos ao fazer história o tempo todo querendo exorcizar a morte (BARBOSA, 2004, p. 11).

Ao imortalizar narrativas sobre os acontecimentos e eventos do mundo, dos lugares e das trajetórias existenciais, a prática jornalística também atinge memórias e significações do domínio simbólico e da realização cultural. Desse modo, mais do que registrar leituras acerca da conjuntura histórica que permeou os veículos jornalísticos abolicionistas e as tipografias que empregavam mulheres na Província goiana do século XIX, o que se busca aqui é a (re)construção de reconhecenças capazes de aflorar memórias silenciadas de fatos, pessoas, fontes, narrativas e até mesmo do que sequer foi selecionado para o registro histórico oficial.

Com uma abordagem qualitativa, o presente estudo aponta a Análise Cultural como método e o Levantamento Bibliográfico, a Pesquisa Documental e a Análise de Narrativas como ferramentas de coleta, sistematização e análise dos dados. Num plano geral, a Análise Cultural foi um guia interpretativo que proporcionou abordagens conjunturais capazes de articular a produção e o consumo cultural do/no agrupamento da organização social no qual está contextualizado o principal objeto do estudo. Já o Levantamento Bibliográfico aprofundou discussões teórico-metodológicas e contribuiu para a produção de leituras sobre Marques Tocantins e o jornalismo abolicionista goiano oitocentista, enquanto a Pesquisa Documental, empreendida por meio da Hemeroteca Digital Brasileira⁷ e de outros acervos históricos de Goiás, possibilitou o contato com impressos editados por este jornalista, bem como com fotografias das mulheres tipógrafas que ele empregava no século XIX. Finalmente, a Análise de Narrativas embalou a exploração dos dados levantados, amparando sistematizações com foco em existências, atividades jornalísticas e enfrentamentos de um

⁷ Disponível em <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

tempo histórico escravagista e patriarcal no qual a luta pelos direitos fundamentais da pessoa humana também se assentou na imprensa periódica.

Enfrentamentos Perante Um Tempo Histórico Destroçador de Vidas Negras

As lutas abolicionistas e republicanas foram as duas bandeiras que mais fundaram jornais no território goiano oitocentista, fazendo inclusive despontar irrefutáveis líderes, como é o caso de José do Patrocínio Marques Tocantins, que acumulou tantas profissões quanto conquistas vanguardistas no campo da indústria tipográfica, de papel e do próprio jornalismo socialmente referenciado.

Conforme foi mencionado, Marques Tocantins foi um goiano filho de escravizado que, aos longo dos seus 44 anos de vida, enfrentou tanto a pobreza quanto o preconceito sociorracial. Segundo informações constantes na edição n. 232 do jornal *O Publicador Goyano*, esse intelectual nasceu na Cidade de Goiás em 12 de outubro de 1844 e faleceu em 7 de agosto de 1889, vítima de complicações do diabetes. De acordo com Larindo (2017), Marques Tocantins era filho de um casal de afrodescendentes cujo pai, que era escravizado, foi alforriado poucos dias antes do seu nascimento e morreu logo em seguida, enquanto a mãe, Ana Marques do Espírito Santo, viúva e pobre, o criou como pode, confrontando todo tipo de discriminação da sociedade escravocrata e patriarcal goiana oitocentista.

Figura 1: José do Patrocínio Marques Tocantins na *Typographia Perseverança*



Fonte: Acervo da Biblioteca Frei Simão, Cidade de Goiás (apud LARINDO, 2017, p. 100).

O levantamento documental empreendido no presente estudo indicou que a perspectiva apontada por Larindo (2017) de que a família de Marques Tocantins era negra, pobre e socialmente excluída na Cidade de Goiás também foi registrada no supracitado número 232 do jornal *O Publicador Goiano*, cujo texto diz que causava “[...] assombro ver-se como elle nascido pauperrimo e de paes desprotegidos da sorte, sem o menor prestígio na sociedade, poude erguer se á triumphante altura do mais popular defensor dos interesses do povo goyano” (JOSÉ, 1889, p. 3). Mas a historiografia revela que o triunfo de Marques Tocantins, que talvez nem tenha sido por ele percebido, adveio de imensas lutas e enfrentamentos, tal como se verá ao longo deste texto.

Em virtude da situação de pobreza da sua família, Marques Tocantins começou a trabalhar ainda na infância, por volta dos nove anos de idade, na tipografia do jornal *O Tocantins* (JOSÉ, 1889; LARINDO, 2017; JARDIM, 1886). Na leitura de Larindo (2017), como não foi encontrado nenhum registro da vida escolar de José do Patrocínio nos acervos da Cidade de Goiás, possivelmente ele tenha sido um autodidata que se alfabetizou na oficina tipográfica do periódico no qual trabalhava.

Ainda na juventude, Marques Tocantins descobriu que tinha um dom para tocar instrumentos musicais, de modo que era musicista e professor de música. De acordo com o jornal *O Publicador Goiano*, antes dos 20 anos de idade, José do Patrocínio fundou a primeira banda de música do território goiano: a *Banda da Guarda Nacional*, na qual atuou como professor e maestro. Aos 24 anos, “[...] fundou a Philharmonica Goyana; é de notar-se que n’esta fundação, Tocantins deu solemnes provas de paciencia porquanto todos os seus discipulos nem se quer conhecião, antes da fundação a arte musical” (JOSÉ, 1889, p. 2).

Em seguida, a partir de uma bolsa de estudos concedida pelo *Centro Goyano*, entidade criada por Henrique Silva⁸ no Rio de Janeiro, Marques Tocantins graduou-se em Mineralogia na capital do Império e, ao mesmo tempo, integrou a *Banda do Exército* que, conforme pontua Bretas (1991), era considerada o mais qualificado empreendimento musical do país, além de também ter trabalhado no *Jornal do Commercio*. Larindo (2017) analisa que o fato de José do Patrocínio ter estudado em uma escola superior por meio da doação uma bolsa de estudos só reforça os méritos do mesmo, uma vez que “[...] era incomum afrodescendentes que

⁸ Henrique Silva nasceu em Bonfim (atual cidade de Silvânia) no ano de 1865 e, em 1882, migrou para o Rio de Janeiro ao ingressar na Escola Militar da Praia Vermelha, donde originou a sua atuação jornalística em prol do Brasil Central e de Goiás, tanto é que o principal corpo editorial da revista *A Informação Goyana*, impresso que circulou nacionalmente de 1917 a 1935, foi composto por goianos que também passaram pela mesma Escola (BORGES, 2013).

conseguiam prestígio serem apadrinhados por algum branco influente. Os apadrinhamentos eram mais comum entre os brancos.” (LARINDO, 2017, p. 83).

Segundo Borges e Barbosa (2020), quando obteve o título de mineralogista, Marques Tocantins retornou para a Cidade de Goiás e passou a conduzir a *Banda da Guarda Nacional* e a *Philharmonica Goyana*, além de atuar profissionalmente na organização de coros e solos de missas e ministrar aulas de música em duas importantes escolas da capital da Província: o Externato Goyano e o Lyceu de Goyaz. Porém, a atividade docente de José do Patrocínio talvez tenha protagonizado uma das piores faces do racismo em sua existência, conforme se verá mais adiante.

Na esfera da vida privada, Marques Tocantins também confrontou as convenções sociais, visto que, em 1886, casou-se com Anna Francisca Xavier de Barros, que havia sido sua aluna de música no Lyceu de Goyaz. De acordo com Larindo (2017), seu casamento não agradou a sociedade vilaboense porque “Anna Francisca era branca; oriunda de família de posses, pertencente à elite goiana, sendo que o pai exerceu a função de capitão na Província”, enquanto “José do Patrocínio era filho de ex-escravizado [...] e sua mãe denominada como filha da obscuridade; portanto, não pertencia à linhagem de representatividade social” (LARINDO, 2017, p. 101). Dessa união, nasceram três filhos e duas filhas, dentre as quais, segundo Rodrigues (1982) despontou uma das maiores pianistas goianas do século XIX: Débora Tocantins, especialista na obra de Chopin (RODRIGUES, 1982).

Mas as insurgências contra o *status quo* vigente na capital da Província não pararam por aí. Britto (2015) assegura que Marques Tocantins e Anna Francisca foram pioneiros na divulgação do kardecismo e tornaram-se líderes da doutrina espírita em Goiás, solando missas católicas ao mesmo tempo em que organizavam sessões espíritas em sua residência e divulgavam textos nos jornais das empresas de José do Patrocínio.

Todavia, apesar de ter várias formações profissionais e talentos que garantiam atuações diversificadas no mercado de trabalho, o racismo impôs a José do Patrocínio uma verdadeira saga como servidor público docente, tal como será analisado a seguir.

O Professor que não Podia Ministrar Aulas de Música Porque era Negro

Em janeiro de 1882, o *Correio Oficial* de Goiás estampou a seguinte notícia:

Aula de musica. – Tendo sido restaurada a aula de musica do Lycêo desta capital, s. ex. o sr.vice-presidente da provincia recommendou ao inspector geral da instrucção publica que desse posse della ao professor vitalicio avulso o sr. José do Patrocínio Marques Tocantins, o qual entrou em exercicio a 10 deste mez (AULA, 1882, p. 4. Grifos do autor).

Quando se olha para os fatos históricos que transversalizam essa notícia, percebe-se que a “restauração” das aulas de música no Lyceu de Goyaz ocorreu em função de atos racistas do próprio poder público cometidos contra Marques Tocantins. Bretas (1991) pontua que desde que foi nomeado como professor interino de música, José do Patrocínio recebia ordenados inferiores aos demais colegas de carreira, tendo impetrado diversos recursos questionadores dessa situação, os quais foram todos negados. Não satisfeito com a discriminação racial que afetava o seu salário simplesmente pelo fato de ser negro, Marques Tocantins requereu que fosse realizado um concurso para o cargo de professor vitalício, com carreira e salários fixados em lei. O concurso foi acatado pelo Presidente da Província, mas o processo durou anos, nos quais José do Patrocínio foi submetido a diversos exames. Finalmente, em 1870, o Presidente da Província recomendou que o diretor do Lyceu desse posse a ele, momento no qual “[...] foi afinal nomeado vitalício, com geral descontentamento dos demais professores do estabelecimento, todos interinos”. (BRETAS, 1991, p. 295).

Porém, apesar de agora ser funcionário público, as perseguições não cessaram, pois Marques Tocantins continuou sofrendo repressões de poderes locais e regionais que chegaram a extinguir a cadeira de música do Lyceu de Goyaz para que ele fosse desligado das suas funções: “José do Patrocínio não podia ser exonerado sem causa justa, e, por isso, após diversas tentativas de retirar o professor legítimo da sala de aula, o governo, com o apoio da Assembleia Legislativa, então suprime a cadeira de música em 1878” (LARINDO, 2017, p. 92). Três anos depois as aulas de música foram retomadas em deliberação da Assembleia Provincial, supracitada notícia veiculada no *Correio Oficial* que também constou em outros periódicos da época, a exemplo do jornal *A Tribuna Livre*, que assim publicou:

AULA DE MUSICA. – Foi votado na sessão da assembléa provincial de 22 do corrente, a restauração da aula de musica do lyceo d’esta capital, impondo-se ao respectivo professor a obrigação de dar duas lições por semana nas aulas de 1^{as} letras do sexo feminino. Esta obrigação, iniciada pelo professor avulso o Sr. Tocantins, sobre ser altamente liberal, por produzir quasi os mesmos resultados de um systema mixto, é um acto de justiceira recompensa á applicação do bello sexo da nossa capital, que é extremamente dedicado à instrucção e muito especialmente ao ramo musical. É rara a familia que não tem um mestre de musica para as suas filhas, e de facto, é também rara a rua da cidade em que não se ouve os sons de vozes femininas e de algum instrumento de teclas ou violão. Conhece-se, já muito de perto, as maravilhosas partituras dos mais notaveis maestros das escolas italiana, allemã e franceza. Cabe a gloria do desenvolvimento d’esse gosto musical ao dito Sr. Tocantins, que levava frequentemente aos coros das igrejas, com a orchestra da *Philharmonica*, as suas primeiras discipulas, que hoje já são distinctas amadoras. Finalmente accrescentaremos, em honra á verdade, que n’esta capital são as senhoras mais cortezes do que os homens, o que faz desejar-se que também se tormem mixtas

as outras aulas do lyceu, pois que a maior parte das famílias não teem meios para ajustar mestres que vão dar lições em suas casas (AULA, 1881, p. 4. Grifos do autor).

Além de registrarem o retorno das aulas de música no Lyceu de Goyaz e a realocação de Marques Tocantins na sua condução, as narrativas constantes no texto do jornal *Tribuna Livre*, revelam faces da atuação desse intelectual goiano na popularização do ensino de música, principalmente direcionado às mulheres, bem como a defesa do sistema misto de educação escolar – outro ponto de inclusão social, principalmente das famílias pobres que não tinham condições financeiras para pagar pela escolarização das suas filhas.

Contudo, a saga do professor de música negro ainda estava longe de terminar. As aulas de música foram retomadas em 1882 mas foram extintas sumariamente quatro anos depois num mesmo ato que aposentou Marques Tocantins com salário proporcional ao tempo de serviço prestado, evento que foi registrado pelo jornal *O Publicador Goyano*: “**Por** acto de 13 do corrente foi aposentado o professor vitalicio da extincta aula de musica do lycêo desta capital, José do Patrocínio Marques Tocantins” (POR ACTO, 1886, p. 2. Grifos do autor). Com isso, pode-se supor que, no campo da docência do serviço público goiano, a trajetória de José do Patrocínio foi marcada por enfrentamentos, tendo sido interrompida precocemente por ato sumário reforçador do legado cultural racista que forjou o território goiano a ferro e fogo, na chibata física e simbólica que ceifa a própria vida.

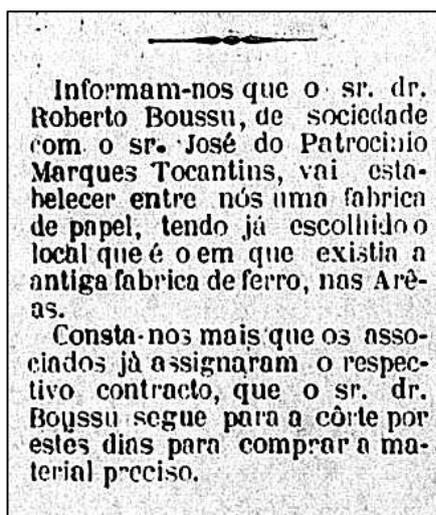
As Tipógrafas de Marques Tocantins: Vanguardismo e Práxis

Tanto na tipografia quanto no jornalismo, José do Patrocínio liderou diversas empresas, sendo que a *Typographia Perseverança* foi a de maior relevância histórica, já que imprimiu importantes jornais que circularam na década de 1880, a exemplo de *Constitucional*, *Aurora* e *O Publicador Goiano*. Porém, sempre que fundava uma empresa, Marques Tocantins tinha sócios, condição provavelmente guiada pelo fato dele ser negro e pobre. De acordo com Borges e Barbosa (2020):

[...] José do Patrocínio solava nas Igrejas da Cidade de Goiás, ministrava aulas particulares de música, compunha juris, juntas, listas de eleitores e desenvolvia outras atividades correlatas a quem era considerado cidadão, além de [...] ter fundado várias empresas tipográficas e a primeira fábrica de papel do território goiano (BORGES; BARBOSA, 2020, p. 12).

De fato, o estabelecimento da primeira fábrica de papel em Goiás foi um evento amplamente noticiado pelos periódicos da época, tal como o jornal *Goyaz* que, em novembro de 1886, repercutiu o fato em primeira mão:

Figura 2: Marques Tocantins e a primeira fábrica de papel da Província de Goyaz



Fonte: Jornal *Goyaz*, ano I, n. 61, 19 nov. 1886.

Conforme aponta uma pesquisa de Borges e Barbosa (2021-b) que está em fase de finalização⁹, de todos os periódicos abolicionistas que circularam em Goiás no século XIX, sem dúvida o jornal *O Publicador Goiano* é o mais coerente, pois jamais publicou anúncios de escravos fugidos ou similares, ao contrário do que ocorria nos impressos que lhe eram correligionários. Este impresso, que também tinha escopo republicano, circulou entre 1885 e 1892, e era vinculado à empresa *Tocantins & Aranha*, uma sociedade de Marques Tocantins com o seu sobrinho Pacifico Eusebio Marques Aranha.

Figura 3: Cabeçalho da primeira edição do jornal *O Publicador Goiano*



Fonte: Jornal *O Publicador Goiano*, ano I, n. 1, 23 fev. 1885, p. 1.

De acordo com a supracitada pesquisa de Borges e Barbosa (2021-b), dentre os 58 impressos que circularam em Goiás no século XIX, o jornal *O Publicador Goiano* é o que mais apresenta organização de composição tipográfica, delimitação de editorias e correta grafia, o que é atribuído à capacidade técnica e intelectual de Marques Tocantins. Além disso,

⁹ Trata-se da pesquisa “História Cultural da Imprensa Goiana no Século XIX”, um dos produtos do estágio pós-doutoral de Rosana Maria Ribeiro Borges que foi supervisionado por Marialva Carlos Barbosa no PPGCOM/ECO/UFRJ.

as pesquisadoras sustentam que, em Goiás, este periódico foi o primeiro que divulgou conteúdos relacionados ao espiritismo kardecista, já que, desde que foi lançado, veiculava notas, textos literários e romances traduzidos de outros idiomas que difundiam essa doutrina.

Ainda segundo Borges e Barbosa (2021-b), o jornal *O Publicador Goyano* tinha um escopo político, noticioso e enciclopédico angulado em grandes eixos temáticos, a saber: abolição do trabalho escravo; instauração da República; laicidade do Estado; liberdade de pensamento, da imprensa e da pessoa e garantia de direitos humanos fundamentais.

Consoante com o mencionado, uma das liberdades e defesas mais pungentes do jornal *O Publicador Goyano* está relacionado às mulheres e, mais especificamente, ao seu papel social no mercado de trabalho. Porém, a atuação de Marques Tocantins não se limitou aos editoriais e notícias sobre igualdade de gênero veiculados neste periódico, pois ele capacitava e empregava mulheres em suas empresas tipográficas. Para Borges e Barbosa (2021-b), a maior exemplificação disso está em uma notícia constante na 31ª edição de *O Publicador Goyano*, que circulou em novembro de 1885. Intitulado “Senhora Typographa”, o texto registra a atuação de duas tipógrafas no jornal *Diário de Sorocaba*, respectivamente na distribuição e na composição, para depois informar sobre as mulheres que atuavam profissionalmente na *Typographia Perseverança*:

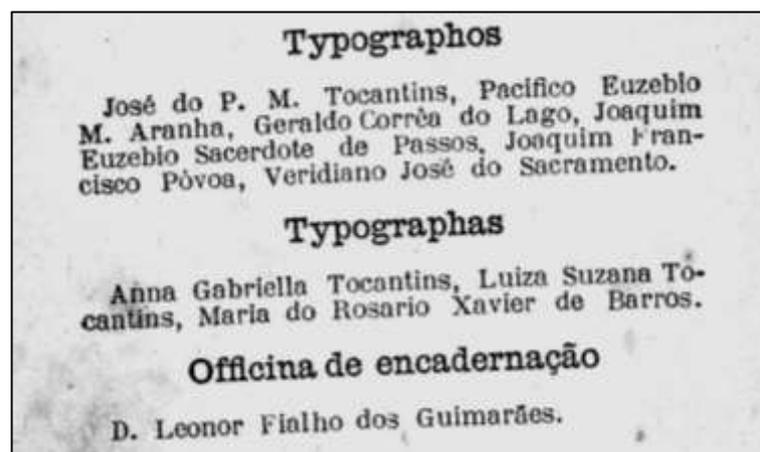
Com a devida modestia, também temos o que allegar sobre este assumpto. Desde 1878 trabalhão na arte typografica, primeiramente na extincta *Tribuna Livre*, – as Sr.ª D.ª Anna Gabriella Tocantins e Luiza Suzana Tocantins, sobrinhas e primas dos proprietarios deste jornal; e presentemente essas senhoras e mais duas mocinhas – Maria do Rozario Xavier de Barros e Joana Pereira Marinho, também parentas e educandas de Tocantins, são compositoras d’esta officina. Completa o quadro dos operarios da empresa *Perseverança* mais um sobrinho, aprendiz e outro affim que serve de motor (na falta absoluta da caldeira á vapor) impulsionando o volante da nossa MARINONI. Em resumo, a nossa empresa funciona com a direcção e trabalho de José do Patrocinio Marques Tocantins e seu sobrinho Pacifico Eusebio Marques Aranha, com o prestimoso concurso de duas moças, duas meninas (bôas compositoras), e dous aprendizes, todos sobrinhos do primeiro; este pessoal tem fornecido, á mais de 6 mezes, o trabalho dos jornaes: *Constitucional*, *Aurora* e *O Publicador Goyano*, inclusive a parte intellectual d’este ultimo e as obras em avulso (SENHORA, 1885, p. 4. Grifos do autor).

A notícia tem continuidade transversalizando a narrativa para necessidade de capacitação técnica e tecnológica da mulher brasileira para o mercado tipográfico. Além de registrar que as tipógrafas de Sorocaba eram as primeiras mulheres com esse tipo de atuação profissional em São Paulo – ao contrário do Rio de Janeiro, que já empregava compositoras, o jornal *O Publicador Goyano* assim pontuou:

[...] se prepara a mulher por todos os modos para a sua emancipação futura em que as redatoras haverá aos centos, é bom que se vão preparando as correctoras de provas. [...] Si gloria há, na introdução das mulheres n'estes trabalhos, ella caberá com muita justiça á central provincia de Goyaz que exhibe mesmo n'este escripto, n'este jornal, uma prova irrecusavel da aptidão da mulher. [...] Em geral são as goyanas inteligentes e habilidosas, como se-teem mostrado nos trabalhos de agulha, de flores artificiaes, no desenho e na musica. Um escriptor notavel, o Sr. Dr. Couto de Magalhães, que residio algum tempo entre nós, confirma em um livro seu este nosso dito. [...] Muitas senhoras que figurão na nossa sociedade, possuem bôa somma de instrucção secundaria. Si nos falta dinheiro, sobram-nos bellezas e espiritos cultivados no bello sexo. Por isso mesmo, muitos individuos, que conhecem os costumes de outros lugares, em relação ao sexo fraco, aqui declarão-se resolvidos a deixar a vida do celibatario: – é o caso anormal – *do fraco vencer o forte* (SENHORA, 1885, p. 4. Grifos do autor).

Outro achado da pesquisa documental de Borges e Barbosa (2021-b) a respeito das tipógrafas goianas está no registro do *Almanak de Goyaz* elaborado por Antônio Felix de Bulhões Jardim no ano de 1886:

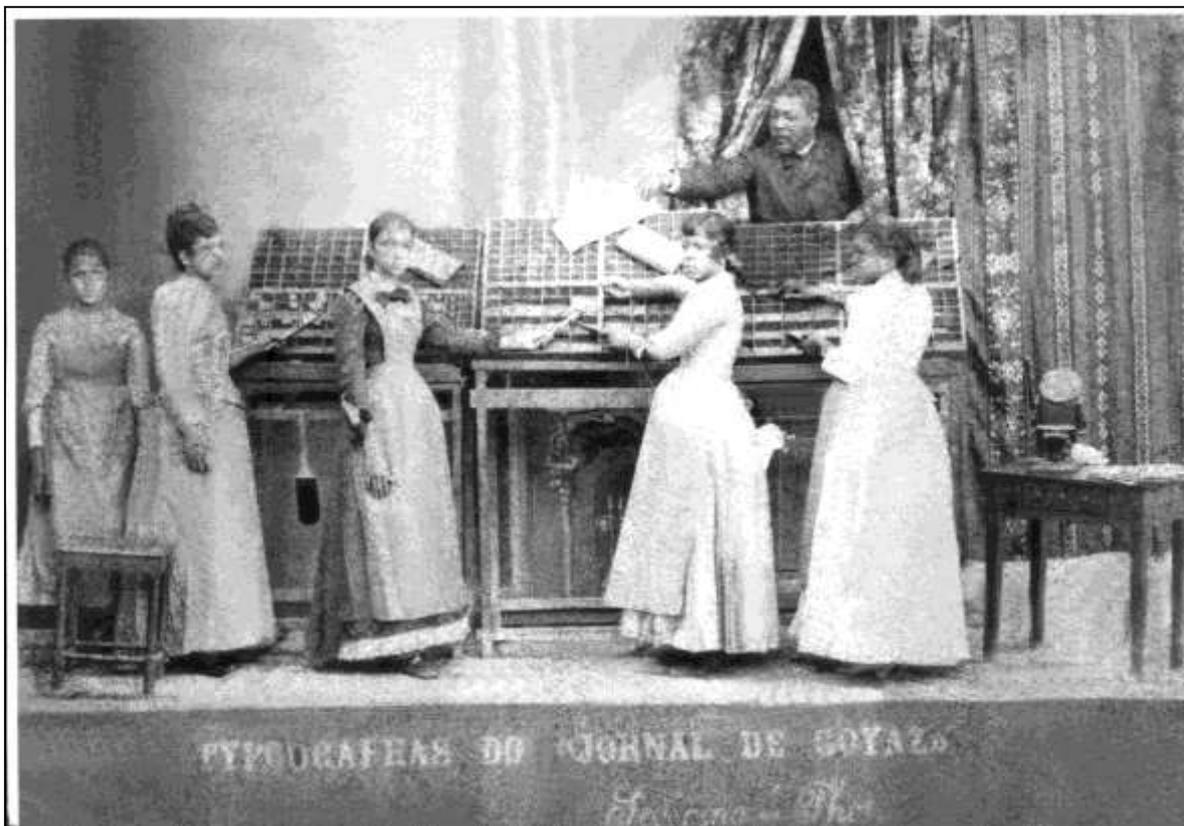
Figura 4: Registro das tipógrafas goianas no *Almanak de Goyaz* de 1886



Fonte: Jardim (1886, p. 159).

Ainda segundo Borges e Barbosa (2021-b), além das três tipógrafas listadas no *Almanak de Goyaz*, Joana Pereira Marinho também trabalhava na *Typographia Perseverança*, registro encontrado na aludida notícia do jornal *O Publicador Goiano*. Já Anna Gabriella Tocantins e Luiza Suzana Tocantins eram, respectivamente, sobrinha e prima do jornalista, enquanto Maria do Rozario Xavier de Barros, tal como Anna Gabriela, era parente e educanda de Marques Tocantins. Portanto, a partir desses dois registros documentais, seriam quatro as tipógrafas empregadas na empresa de José do Patrocínio. Todavia, uma fotografia do acervo da Biblioteca Frei Simão da Cidade de Goiás que teria sido tirada em 1886 registra cinco mulheres na oficina de composição da *Typographia Perseverança*, que também era chamada como *Typographia do Jornal Goyaz*:

Figura 5: Marques Tocantins e as mulheres tipógrafas



Fonte: Acervo da Biblioteca Frei Simão, Cidade de Goiás.

Larindo (2017) assegura que as mulheres constantes nesta fotografia eram as tipógrafas Anna Gabriella Tocantins, Luiza Suzana Tocantins e Maria do Rozário Xavier de Barros e as encadernadoras Leonor Fialho dos Guimarães e Rosalida de Paula Netto. Somadas com Joana Pereira Marinho que, como dito, foi citada na notícia do jornal *O Publicador Goyano*, são seis as tipógrafas que atuavam em Goiás entre 1885 e 1886.

A derradeira edição do jornal *O Publicador Goyano*¹⁰ constante no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira foi veiculada quatro dias depois da morte de José do Patrocínio Marques Tocantins, e registra parte da sua trajetória existencial, dos seus enfrentamentos e resistências. Mas o que mais chama a atenção nesta edição é a capa, composta pelas tipógrafas por ele empregadas como se fosse a lápide de um túmulo com a seguinte frase: “José Marques Tocantins / As THYPOGRAPHAS COMPOSITORAS do Publicador Goyano em Homenagem a seu Chefe”:

¹⁰ Dos exemplares disponíveis no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, este é o único cujo nome do jornal foi escrito no cabeçalho sem o emprego do vocábulo “O” na frente de “Publicador Goiano”, bem como apresentou fontes diferentes na composição do cabeçalho.

Figura 6: Última edição do jornal *O Publicador Goyano*



Fonte: Jornal *O Publicador Goyano*, ano V, n. 232, 11 ago. 1889, p. 1.

De acordo com Larindo (2017), Marques Tocantins, nascido em 1844 e falecido em 1889 antes de completar 45 anos de idade, apesar de ser mineralogista, dedicou-se mesmo à música, à docência, aos impressos e às empresas do ramo tipográfico e papelero. Já Teles (1980) pontua que José do Patrocínio era amigo de Rui Barbosa e do jornalista carioca José Carlos do Patrocínio, mantendo constante troca de correspondência com ambos. Segundo Britto (2015), após a morte do seu marido, Anna Francisca e a filha Aurora Tocantins continuaram os trabalhos kardecistas na Cidade de Goiás no Grupo Espírita Amigos dos Sofredores (atualmente Casa da Vovó Lóia), instituição cuja sede ainda está fixada no imóvel que a família residia. Para além da religiosidade, o legado cultural de Marques Tocantins teve continuidade pois, conforme assinala Rodrigues (1982), Anna Francisca também deu sequência aos saraus, reuniões literárias e recitais que Marques Tocantins costumava organizar em sua residência.

Considerações Finais

Além das empresas criadas em sociedades, chama a atenção que, desde jovem, Marques Tocantins precisou desempenhar atividades profissionais concomitantes, sendo que chegou até a receber salário inferior aos demais professores do Lyceu de Goyaz porque era negro. Contudo, este intelectual, jornalista, musicista, maestro, professor, servidor público, empresário, dentre outras profissões e atuações profissionais, jamais deixou de lutar por igualdade de direitos, tendo integrado entidades de suma importância nas pautas que

avançavam questões ímpares à construção democrática, a exemplo do *Gabinete Literário Goyano*, do *Partido Liberal* e das agremiações abolicionistas emancipatórias.

Apesar de seu incontestado legado, Borges e Barbosa (2021-b) asseguram que José do Patrocínio não foi apontado por nenhum jornal goiano oitocentista na condição de líder abolicionista e republicano, ao contrário do que ocorrera com Felix de Bulhões. Porém, este homem, que até hoje é um ilustre desconhecido do povo goiano, precisa ser listado no rol das lideranças desses movimentos e na historiografia do movimento feminino, além de constar entre os mais combatentes jornalistas de Goiás do século XIX. Além da sua incrível trajetória, *práxis* e vanguardismo, cabe ressaltar que Marques Tocantins era negro, filho de escravizado e de viúva pobre, tendo que trabalhar e enfrentar as amarras do preconceito durante toda a sua vida em meio a uma sociedade racista, patriarcal e assinalada por violências.

Dito isso, considera-se que a vida de José do Patrocínio Marques Tocantins é, tal como sintetizam Borges e Barbosa (2021-b), um tributo à resistência que demarca enfrentamentos em prol do bem público, dos direitos humanos e das liberdades, enfim, uma honra à própria democracia. Na história oficial de Goiás, Marques Tocantins foi apagado, silenciado, e sua produção jornalística e contribuições na indústria tipográfica ainda aguarda por estudos mais aprofundados, de modo que o presente estudo aqui exposto encerra-se sem terminar, ou seja, deixa um convite para futuras pesquisas, afinal, #vidasnegrasimportam e os racismos e violências precisam ser enfrentados, enquanto ato de resistência, nas dinâmicas do tempo.

Referências

AULA de musica. **Jornal Correio Oficial**, Cidade de Goiás, ano XLV, n. 2, 11 jan. 1882, p. 4.

_____. **Jornal Tribuna Livre**, Cidade de Goiás, ano IV, n. 51, 24 dez. 1881, p. 4.

BARBOSA, Marialva Carlos. Como escrever uma história da imprensa? In: II ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 15 a 17 de abr. 2004, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFRGS, 2004, p. 1-11.

BORGES, Rosana Maria Ribeiro; BARBOSA, Marialva Carlos. O protagonismo de Antônio Felix de Bulhões Jardim e José do Patrocínio Marques Tocantins na imprensa abolicionista goiana do século XIX. In: **XV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC)**. Medellín, Colombia, 9 a 13 nov. 2020.

_____; _____. Da senzala ao enfrentamento: as contraditórias dinâmicas históricas que antecederam as atividades impressas em Goiás. In: **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 9, p. 191-208, 2021-a.

_____; _____. **História Cultural da Imprensa Goiana no Século XIX**. Goiânia: Cegraf UFG, 2021-b. [no prelo]

BORGES, Rosana Maria Ribeiro. **Pensamentos dispersos, hegemônias concentradoras**: discursos jornalísticos e movimentos de territorialização no Cerrado. 420 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

BRETAS, Genesco Ferreira. **História de instrução pública em Goiás**. Goiânia: Cegraf: UFG, 1991.

BRITTO, Clóvis Carvalho. Dos “batuques dos pretos” aos grilhões do silêncio: Benedito D’Abadia e a festa do Divino Espírito Santo dos meninos em Goiás (Século XIX). *In*: ____; PRADO, Paulo Brito do; ROSA, Rafael Lino. **Os sentidos da devoção**: o Império do Divino na Cidade de Goiás (séculos XIX e XX). Goiânia: Espaço Acadêmico, 2015, p. 117-144.

JARDIM, Antônio Felix de Bulhões. **Almanak de Goyaz**. Cidade de Goiás: [s.n.], 1886.

JOSÉ do Patrocínio Marques Tocantins. **Jornal O Publicador Goyano**, Cidade de Goiás, ano V, n. 232, 11 ago. 1889, p. 2-3.

LARINDO, Aparecida Macedo. **José do Patrocínio Marques Tocantins (1844-1889)**: trajetória de um afrodescendente na Província de Goiás no século XIX. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás.

POR ACTO. **Jornal O Publicador Goyano**, Cidade de Goiás, ano II, n. 91, 20 nov. 1886, p. 2.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa III**: O Tempo narrado. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RODRIGUES, Maria Augusta Calado de Saloma. **A modinha em Goiás de Goiás**. Goiânia: Editora da UFG, 1982.

SENHORA Typographa. **Jornal O Publicador Goyano**, Cidade de Goiás, ano I, n. 31, 26 nov. 1885, p. 4.

TELES, José Mendonça. A imprensa goiana: síntese histórica. *In*: ASSOCIAÇÃO GOIANA DE IMPRENSA. **Imprensa goiana**: depoimentos para sua história. Goiânia: CERNE, 1980.

WILLIAMS, Raymond. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.